

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



**DESCENTRALIZAÇÃO CULTURAL, UMA LEITURA ATRAVÉS DO
TEATRO – CASO DE ESTUDO PRÁTICO DO CENTRO
DRAMÁTICO DE ÉVORA**

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM PRODUÇÃO

Beatriz Lousã Marques de Sousa

Amadora, outubro 2020

**DESCENTRALIZAÇÃO CULTURAL, UMA LEITURA ATRAVÉS DO
TEATRO – CASO DE ESTUDO PRÁTICO DO CENTRO
DRAMÁTICO DE ÉVORA**

Beatriz Lousã Marques de Sousa

Relatório de Estágio submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Produção, realizado sob a orientação científica da Professora **Andreia Carneiro**, Professora Adjunta Convidada.

Resumo

A descentralização cultural, tema do meu relatório, é do meu ponto de vista, essencial para a sociedade. Quando iniciei o meu estudo sobre o Centro Dramático de Évora (CENDREV), constatei que tinha sido pioneiro nesta questão ao terem começado a descentralização cultural em 1974, com o apoio do Estado, em Évora.

Segundo Mário Barradas, foi nessa altura que alguns artistas principiaram o questionamento sobre a importância de tornar a cultura acessível a todo o país. Por acreditar que esta temática é muito relevante, quer para a sociedade, quer para a cultura, decidi efetuar o meu estágio com a companhia CENDREV. Durante o período em que estava a realizar o estágio, a companhia recebeu a notícia de que não tinha obtido o apoio sustentado do Estado e encontra-se em risco de encerrar a sua atividade.

Por conseguinte, iniciei o estágio em setembro de 2019, na área de produção executiva e em direção de cena. Após a conclusão do estágio, e para dar enquadramento teórico ao meu relatório, concretizei várias pesquisas sobre o percurso da companhia, a importância da mesma e qual a sua relação com a descentralização cultural. Após a investigação teórica, segue-se a escrita do relatório onde irei abordar, não só sobre a descentralização cultural e do CENDREV, como também o percurso do meu estágio, do que observei durante o mesmo e relacionar com o tema central.

Palavras-chave: descentralização, teatro, cultura, CENDREV

Abstract

Cultural decentralization, the subject of my report, is from my point of view, very important for society at various levels, and when I started my study on the Évora Drama Center (CENDREV), I found that they had been pioneers in this issue when they started cultural decentralization in 1974, with state support, in Évora. According to Mário Barradas, it was at that time that some artists began to question themselves about the importance of making culture accessible to the whole country. As this theme is very relevant, as I mentioned, both for society and for culture, I decided to do my internship with the company CENDREV. During the period in which he was doing the internship, the company received the news that they had not obtained sustained support from the state and is at risk of closing its activity.

Therefore, I started the internship in September 2019, in executive production and in the direction of the scene. After completing the internship, and to give a theoretical framework to my report, I carried out several research about the company's path, its importance, and its relationship with cultural decentralization. After the theoretical investigation, the writing of the report follows, where I will address, not only about cultural decentralization and CENDREV, but also the course of my internship, what I observed during it and related to the central theme.

Key words: decentralization, theatre, culture, CENDREV

Dedicado aos 45 anos do CENDREV

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
1 - PERCURSO HISTÓRICO	8
- O início da democracia, o seu impacto na cultura.....	8
- Necessidade de descentralização (proposta de Mário Barradas e Norberto Ávila).....	10
- Ligação a França.....	13
- Fixação em Évora	14
- De Centro Cultural de Évora a CENDREV.....	15
2 - DESCENTRALIZAÇÃO – PÚBLICOS – POLÍTICAS CULTURAIS.....	16
3 - OS ÚLTIMOS 10 ANOS DO CENDREV	20
4 – O ESTÁGIO E O MEU PERCURSO NO CENDREV	22
CONCLUSÃO	27
BIBLIOGRAFIA	28
WEBGRAFIA	29
Anexos.....	31
Anexo 1	31
Anexo 2.....	33
Anexo 3.....	34
Anexo 4.....	36
Anexo 5.....	37
Anexo 6.....	38
Anexo 7.....	39
Anexo 8.....	41
Anexo 9.....	42
Anexo 10.....	44
Anexo 11.....	45

INTRODUÇÃO

O mestrado em Teatro na área de Produção, foi o meu primeiro contacto académico com a área, pois a minha licenciatura é na área de Design de Cena. Dessa forma, decidi trabalhar ao longo do mestrado o tema com que me vinha a debater desde que terminei a licenciatura, a descentralização cultural.

Nesse sentido, e por questões profissionais, tive a sorte de conhecer a companhia do Centro Dramático de Évora (CENDREV), com quem pude aprender e trabalhar ao longo de dois anos.

Ao longo da abordagem ao tema da descentralização cultural, que trato neste meu relatório, e a partir da pesquisa que realizei sobre a companhia CENDREV, verifiquei através das candidaturas à DGartres que a cultura aos longo dos anos tem sido centralizada nas grandes cidades, sendo esquecida no resto do país.¹

Convém lembrar que Portugal viveu em ditadura durante 41 anos e segundo o encenador/ator Mário Barradas (1931-2009), os artistas já estavam cansados da censura e no dia 25 de Abril 1974 fizeram parte da revolução que instituiu a democracia. Foi nessa altura que se começaram a levantar diversas questões, sendo uma delas a necessidade de tornar a cultura acessível a todas as pessoas/cidadãos, pois era um direito que tinha sido adquirido com a democracia.

É neste contexto que o CENDREV vai agir e surge deste modo, como uma companhia que pretende descentralizar a cultura e fazê-la chegar a todas as pessoas.

Quando conheci o CENDREV e percebi a importância que o trabalho deles tinha na comunidade, compreendi que queria saber mais sobre a descentralização cultural. Por esta razão objetiva, realizei o estágio de mestrado com esta companhia, para que, de um modo mais próximo, pudesse acompanhar o trabalho desenvolvido por esta.

O relatório de estágio apresenta uma breve abordagem ao trabalho da companhia do CENDREV ao longo dos 45 anos de existência, da importância que a mesma tem no concelho/distrito de Évora e dos problemas atuais com que têm vivido. Apresentarei

¹ Consultado em https://observador.pt/2020/12/13/agentes-culturais-da-regiao-centro-criticam-assimetrias-na-atribuicao-de-apoios-da-dgartres/?fbclid=IwAR3s2ITuyyos4S2siFZ-BMgWGuek1IVgg3QV-Kz_-k0t29Wfxx23vInndnE

também a minha versão da incrível experiência que foi estagiar numa companhia com tantos anos de existência e com um trabalho pioneiro na temática que me propus tratar.

1 - PERCURSO HISTÓRICO

- O início da democracia, o seu impacto na cultura

O termo e conceito descentralização, em Portugal, iniciou-se com a descentralização do poder. Esta permitiu a criação de municípios que se iniciaram em 1822, e onde a Constituição desse mesmo ano faz referências nos vários artigos do Capítulo VI ². Neste contexto, criou-se também a descentralização da educação, onde qualquer criança e adolescente pode estudar em todo o país, permitindo deste modo, o acesso à mesma tal como está redigido na Constituição da República de 2005, no capítulo III, artigo 73 ³. Nesse mesmo artigo também é referido que o Estado tem o dever de promover a democratização da cultura assegurando o acesso de todos os cidadãos à cultura.

“3. O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais.” (Constituição da República, no capítulo III, artigo 73)⁴

Para contextualizar melhor, o termo “Cultura” provém do latim *culturae*, e segundo o Dicionário de Português⁵ tem os seguintes significados: aplicação do espírito a uma coisa; desenvolvimento intelectual; a totalidade das manifestações espirituais que constituem a herança social de um povo ou de uma raça, e determinam a sua persistência histórica; sabedoria: apuro.

² Consultado em <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1822.pdf>

³ Presente no anexo 9.

⁴ Presente no anexo 9.

⁵ *Cultura* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-10-29]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cultura>.

Com base nestes significados e unindo-os como um dos direitos escritos na Constituição da República, o tema da descentralização cultural começou a assomar o meu pensamento e dessa forma decidi abordá-lo como tema central para a escrita do meu relatório de estágio.

Durante 41 anos a censura⁶ esteve sempre ativa em todas as vertentes culturais. Na imprensa periódica existia o lápis azul que suprimia, alterava, cortava palavras, expressões, ou parágrafos inteiros, adiava ou impedia a saída de notícias.⁷ Devido à censura, a cultura era muito limitada e gerida pelo Estado Novo, de maneira a impedir o seu desenvolvimento.

“Após quase cinquenta anos de obscurantismo e de Censura, o teatro português vai, finalmente, tentar recuperar décadas de atraso e abrir-se ao mundo através de uma propedêutica de emergência na actualização das linguagens estéticas e na aceleração da divulgação de dramaturgias até aí proibidas ou ignoradas.” (Vasques, 1999, p. 1)⁸

Segundo a Professora Eugénia Vasques, alguns grupos de artistas começaram a criar-se antes da revolução, tais como Teatro Experimental do Porto, Teatro Experimental de Cascais, Teatro Estúdio de Lisboa, Comuna e a Cornucópia.⁹

No dia 25 de abril de 1974, segundo o encenador/ator Mário Barradas, a sociedade portuguesa sofreu uma transformação. Durante a madrugada o povo soube que as Forças Armadas estavam na rua, a rádio transmitia a "Grândola Vila Morena" de Zeca Afonso repetidamente, e as pessoas juntavam-se às forças armadas e faziam com elas a revolução. O discurso político invadiu as ruas e as instituições e também a Cultura discursou sobre os seus direitos na sociedade. Realizaram-se várias iniciativas culturais no país inteiro, assim como muitas manifestações chamadas de "Canto Livre", onde se juntavam tanto os cantores que se encontravam em Portugal, com os outros que regressaram do exílio. Os grupos de Teatro e os grupos de Dança fizeram espetáculos em vários locais. Os artistas plásticos fizeram exposições e pintaram murais. Faziam-se leituras e recitais de poesia.

⁶ *Censura* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-09-17]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/censura>

⁷ *Lápis azul* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-10-28]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$lapis-azul](https://www.infopedia.pt/$lapis-azul)

⁸ Vasques, E. (1999). *O Teatro Português e o 25 De Abril: Uma História ainda por contar*. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/3378>.

⁹ Vasques, E. (1999). *O Teatro Português e o 25 De Abril: Uma História ainda por contar*. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/3378>.

Todos lutavam pela democracia, por um regime político que instituía que a soberania pertence, diretamente, ou por intermédio de representantes, a todos os cidadãos no gozo dos seus direitos cívicos¹⁰.

- Necessidade de descentralização (proposta de Mário Barradas e Norberto Ávila)

Em 1974, após o 25 de abril, começaram a surgir sugestões sobre descentralização cultural. De acordo com o encenador/ator Mário Barradas (CENDREV,2006, p.106), era questionada a existência de auditórios e teatros municipais quando não existia atividade cultural neles, muitas vezes nem programação existia. Por essa razão, começou-se a pensar numa descentralização cultural baseada em Centros culturais, criados por uma equipa que residia no mesmo local e que programaria e faria cultura com a população local, baseada nos interesses e nas necessidades locais. Esses Centros culturais iriam começar em zonas do país com melhores condições, nomeadamente em relação ao espaço, tal como a existência de um teatro municipal, e ainda tendo em conta a densidade populacional e a dificuldade de acesso à cultura e por último tomando também em consideração o clima.¹¹

Neste contexto, surge Norberto Ávila, dramaturgo, romancista, contista e poeta, e que foi um dos elementos impulsionadores da descentralização. Norberto nasceu nos Açores em 1936. Em 1963 foi para a Universidade do Teatro das Nações, em Paris, onde estudou durante três anos. Criou e dirigiu a revista Teatro em Movimento em Lisboa e durante quatro anos dirigiu a Secção de Teatro, Música e Bailado da Direcção-Geral da Cultura Popular e Espetáculos.¹² Assim que iniciou as suas funções neste cargo, tratou de se documentar o mais possível sobre as condições da atividade teatral em Portugal.

No dia 25 de setembro de 1974, Norberto Ávila apresentou ao Diretor-geral da Cultura Popular e Espetáculos, Engenheiro Vasco Pinto Leite, o documento "Sugestões para uma descentralização teatral"¹³. Neste documento, Norberto referiu a necessidade da digressão das companhias existentes na altura, mas também a criação de grupos profissionais, ou semiprofissionais, que se integrariam em centro dramáticos semelhantes

¹⁰ *Democracia* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-07-07]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/democracia>

¹¹ Presente no anexo 3.

¹² Consultado em <http://norberto-avila.eu/>

¹³ Presente no anexo 1.

aos que, naquela época, já existiam em vários países. Referiu ainda, quais as principais cidades onde seria necessário iniciar a criação de centros dramáticos, e mencionou que o dinheiro investido nessa descentralização viria do fundo do teatro. Também foi aludido que se iria pedir apoio às autarquias locais.

Com esta proposta, Norberto salientou que um dos pontos fulcrais seria fomentar, em todo o país, o gosto pelo teatro.

[...] -Haveria que iniciar, no mais breve prazo possível, a organização de uma série desses Centros Dramáticos nas principais Capitais de Distrito, pela ordem de prioridade que um estudo do problema viesse a recomendar.

Admitamos:

Numa 1ª Fase: Coimbra, Évora, Braga, Viseu

Numa 2ª Fase: Faro. Vila Real, Castelo Branco, Santarém

- Estes Centros Dramáticos seriam subsidiados pelo Ministério da Comunicação Social, através do Fundo de Teatro.

-Seria pedida a colaboração dos Governos Cívicos e das Câmaras Municipais (que devem dispor de verbas, embora possivelmente modestas, para iniciativas culturais)

[...] (Barradas, 1995, pp.20-21)¹⁴

Por esta altura, também Mário Barradas, encenador e ator, aparece como apoiante de Norberto Ávila nesta questão. Mário Barradas foi o fundador do Teatro Universitário de Moçambique em 1960, e recebeu em 1969 uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para ingressar na Escola Superior de Arte Dramática do Teatro Nacional de Estrasburgo e onde, em 1971, foi convidado para ser professor assistente. Em 1972 assumiu a direção do Conservatório Nacional em Lisboa.¹⁵

Por conseguinte, Mário juntou-se a Norberto e criaram em conjunto, a proposta de criação do Centro Cultural de Évora, que foi apresentada em novembro de 1974, ao Diretor-geral, para análise na Comissão Consultiva e que seria a fundadora do início da descentralização teatral. Segundo Mário Barradas “Nota-se que inicialmente, por proposta minha e do Norberto Ávila, devia ter sido chamado Centro Dramático e não Centro Cultural. O que não era despiciente.” (CENDREV, 2006, p.109)

¹⁴ Presente no anexo 1.

¹⁵ Consultado em https://www.rtp.pt/noticias/cultura/centro-dramatico-de-evora-homenageia-sabado-o-velho-mario-barradas_n158851

A proposta apresentada falava na criação de centros culturais, nomeadamente no Centro Cultural de Évora. Nessa proposta foi referido o porquê de terem escolhido Évora como cidade inicial. Essa escolha baseou-se na situação geográfica, na existência de um Teatro Municipal (Garcia de Resende), na existência de um público interessado, na possibilidade de com pequenas digressões se cobrirem todas as vilas do Distrito, nas tradições culturais da cidade, no interesse arquitetónico da cidade e no clima durante o verão, que criava boas condições para a realização de um festival de verão.

[...] Essas condições excepcionais são essencialmente:

- Situação geográfica;

- Existência de um Teatro Municipal (Garcia de Resende)

- Existência de um público suficientemente iniciado e interessado, que tem vindo a aumentar consideravelmente desde a criação do Festival de Teatro, há quatro anos, pela Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António de Aguiar.

- Possibilidade de cobrir, com pequenas digressões, pelo menos todas as vilas do Distrito, (...)

- As tradições culturais da cidade, com possibilidade de aproveitamento das iniciativas da região (...), assim como a existência de uma larga população estudantil (...).

- O excepcional interesse arquitetónico da cidade e excelência do clima durante o verão, condições ótimas para a realização de um grande festival de verão, comum às várias artes, como polo de atração relativamente a todo o País. [...] (Barradas, 1995, pp.22-23)¹⁶

Mário Barradas foi contratado pelo Estado, para que ficar na direção do Centro Cultural de Évora, que contou desde o início com o apoio da Câmara Municipal de Évora, que lhes cedeu o Teatro Municipal Garcia de Resende. O Centro Cultural de Évora, criado no âmbito e na dependência da Direção-Geral da Cultura Popular e Espetáculos, do Ministério da Comunicação Social, de acordo com o Despacho do Secretário de Estado da Comunicação Social, Guilherme George Conceição Silva, de 11 de janeiro de 1975.

[...] A criação urgente deste primeiro centro cultural, ditada pela necessidade de realização de experiências imediatas neste campo, não prejudica a sua futura integração no quadro da Lei Orgânica do Ministério da Comunicação Social, actualmente em preparação.

Para dirigir o Centro Cultural de Évora, que se regerá por estatutos próprios oportunamente aprovados, é nomeado, por proposta do Director-geral da Cultura Popular e Espetáculos, o licenciado Mário de Melo dos Santos Barradas, técnico especialista de

¹⁶ Presente no anexo 3.

reconhecida competência, o qual auferirá o vencimento de 12.300\$00 (correspondente à letra E). [...] (Barradas, 1995, p.24)¹⁷

O Centro Cultural de Évora foi criado e financiado pelo Estado, com o objetivo de ser um ensaio de estruturas onde assentaria a política nacional de descentralização cultural e a implantação definitiva de novos centros; baseado num centro de criação e animação de natureza dramática e com diversos parâmetros de atividade cultural; dependeria do Ministério da Comunicação Social, ficando ligado à Direção-Geral da Cultura Popular e Espetáculos; teria a sua sede no Teatro Garcia de Resende, Évora, com mútuo acordo entre a Câmara Municipal e o Ministério da Comunicação Social.¹⁸

Em 1975 iniciou-se a atividade do Centro Cultural de Évora.

- Ligação a França

Mário Barradas queria realizar em Portugal algo baseado no modelo que já existia em muitos países europeus, mais precisamente em França. É o caso dos Centros Dramáticos Nacionais em França, que tinham como papel fundamental produzir criações originais e torná-las acessíveis a todos os públicos de uma região. Surgiram após a Segunda Guerra Mundial na sequência da ideia de que o teatro era um serviço público, que devia ser capaz de abranger todos os territórios e eram dirigidos por artistas.¹⁹

O diretor era nomeado diretamente pelo Ministro da Cultura, em consulta com as outras comunidades que financiavam a sua operação. Os Centros Dramáticos em França eram chamados de grandes unidades de produção teatral, sediadas fora de Paris e assumidas, como os Teatros Nacionais, pelo Estado²⁰. Refiro o exemplo de França, pois Mário Barradas viveu lá, e em conversa com elementos do CENDREV foi-me dito que serviu de exemplo para muitas das ideias que queria aplicar em Portugal. Para Mário Barradas (CENDREV, 2006, p.109) “Tratava-se de facto de iniciar uma coisa que há muito estava feita nos restantes países da Europa, mesmo em Espanha que apesar do

¹⁷ Presente no anexo 2.

¹⁸ Presente no anexo 4.

¹⁹ Consultado em <https://www.cdn-besancon.fr/quest-ce-quun-centre-dramatique-national>.

²⁰ Consultado em <https://www.cdn-besancon.fr/quest-ce-quun-centre-dramatique-national>.

franquismo conseguia ter um movimento teatral vasto, espalhado pelas suas diferentes parcelas geográficas”.

O grupo de pessoas que foram para Évora em 1975, para iniciar o Centro, tinham feito a sua formação em França. Juntou-se à criação do Centro, Christine Zurbach, proveniente da Faculdade de Letras da Universidade de Strasbourg. (Barradas,2000,p.16)

Como afirmou Mário Barradas (Barradas,2000,p.17), o Centro patrocinou formações em França, mais ou menos longas, a alguns dos seus artistas e técnicos: “Trata-se assim de uma teia de relações e amizades muito fundas que ao longo dos anos nos tem acompanhado e ajudado a criar o conjunto que é hoje o primeiro dos esforços de descentralização teatral efetuados em Portugal pelos artistas e técnicos portugueses.”

Também Norberto Ávila era nessa altura um funcionário administrativo e tinha feito uma formação no Teatro das Nações em Paris.

- Fixação em Évora

O Centro Cultural também criou a Unidade-Infância e fundou a Escola de Formação Teatral, que abririam a atividade em novembro de 1975, com o financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e do Fundo Social Europeu. Formou dezenas de atores, técnicos e animadores culturais, que foram criando ou integrando companhias de teatro e trabalhando em projetos municipais um pouco por todo o país. (CENDREV,2006, p.110)

Desde janeiro de 1975, o Centro contou com o apoio da Câmara Municipal de Évora, sendo que a primeira Comissão Administrativa era presidida pelo arquiteto Manuel Bagulho, e a segunda Comissão presidida por Humberto Paixão, que formalizou a permanência do Centro no Teatro Garcia de Resende. (CENDREV, 2006, p.109)

Em 1987, o Centro criou a Bienal Internacional de Marionetas de Évora - BIME, onde se apresentaram múltiplos espetáculos com o que de melhor se produz no domínio da Marioneta, a nível nacional e estrangeiro.²¹ Esta Bienal foi criada por uma equipa de técnicos e atores que recuperou, numa altura em que já estava morta e encaixotada em Santiago de Rio de Moinhos, os Bonecos de Santo Aleixo, marionetas tradicionais portuguesas, criadas no século XVIII. A recuperação dos Bonecos (marionetas e textos)

²¹ Consultado em <https://coffeepaste.com/jose-russo-cendrev-entrevista/>

foi dirigida pelo Mestre Talhinhas durante cerca de 15 anos, e estes são hoje conhecidos em todo o mundo. (CENDREV, 2006, p.110)

Em 1988, o despacho de 11 de janeiro de 1975 foi revogado, e o Centro passou a ser uma Cooperativa do sector privado. (CENDREV, 2006, p.109)

[...] Considerando que se impõe regularizar a situação jurídica do Centro Cultural de Évora como instituição de direito privado, regida por estatutos próprios, revogo o despacho do Ministro da Comunicação Social de 11 de Janeiro de 1975, publicado no Diário da Republica, II Série, de 23 de Janeiro. [...] (Barradas,1995, p.35)

- De Centro Cultural de Évora a CENDREV

Em 1990, o nome do Centro Cultural de Évora mudou para Centro Dramático de Évora - CENDREV, estabelecendo-se uma sociedade por cotas, entre o anterior Centro Cultural de Évora e o Teatro da Rainha, que se deslocou para Évora. No ano de 2000, a sociedade dissolveu-se e transformou-se numa associação única: Associação Centro Dramático de Évora – CENDREV. Sem nenhum financiamento específico, a partir de 1997, o CENDREV atingiu em 2001, mais de meio milhão de espetadores (só na sua componente teatral) e realizou mais de 3.750 sessões públicas. (CENDREV, 2006, p.109)

Desde dezembro de 1990, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e um pequeno apoio do Estado, o CENDREV iniciou a publicação da revista *ADÁGIO*, uma revista de cultura e arte. Além da atividade teatral, o CENDREV organizou cursos de fins de semana (quatro a seis fins de semana) com grupos amadores de todo o país, disponibilizando artistas que dirigiam espetáculos em Viana do Castelo, Porto, Braga, Vila Real, Covilhã, entre outros, e promoveu centenas de espetáculos de música e de dança de referência. No Teatro Garcia de Resende também se organizaram exposições de artes públicas, feitas por pintores e fotógrafos. (CENDREV, 2006, p.110)

Em 1997, o Governo decidiu que o primeiro Centro Piloto Regional das Artes do Espetáculo (o 1º CRAE) fosse criado no Teatro Garcia de Resende, beneficiando o aparelho técnico, administrativo e artístico do CENDREV.²² Segundo ator/encenador Mário Barradas “Os resultados foram excelentes, o público cresceu e as atividades conheceram uma maior dimensão e diversidade.” (CENDREV, 2006, p.113)

²² Presente no anexo 6.

Em 2000, quando o CENDREV fez 25 anos, na sessão de comemoração destes, o Presidente da Câmara Municipal de Évora, Dr. Abílio Fernandes, referiu vários pontos da importância, do CENDREV em Évora, tais como: a integração nas tradições culturais; a sua instalação permitiu a revitalização e requalificação do espaço do Teatro Municipal Garcia de Resende; a produção e divulgação teatral através de uma estrutura profissional; a escola de teatro do CENDREV; contribuiu para a revitalização de tradições populares como os Bonecos de Santo Aleixo; a criação da Bienal Internacional de Marionetas. Ainda, nessa mesma sessão, referiu que o CENDREV era uma peça fundamental da vida do município de Évora.²³ (Barradas, 2000, pp.11-13)

2 - DESCENTRALIZAÇÃO – PÚBLICOS – POLÍTICAS CULTURAIS

A fixação do CENDREV em Évora iniciou a criação de públicos de várias faixas etárias e de diferentes gostos teatrais. Esses públicos atualmente são estudados pela companhia, não só para dados de relatórios internos, mas também para os relatórios da Direção-Geral das Artes (DGARTES).

No primeiro ano do mestrado realizei um trabalho sobre o estudo do público do Teatro Garcia de Resende e o CENDREV. Para esse trabalho efetuei uma entrevista ao José Russo, ator e diretor do CENDREV²⁴. Nessa entrevista foi-me dito que, para medir o fluxo de público, a companhia organiza anualmente relatórios das atividades e com esses dados, que são avaliados e analisados, estuda-se a forma de se poder levar mais longe o aumento de público. O José Russo também me disse que, devido à redução do financiamento para a criação cultural e com a redução dos rendimentos das famílias, o fluxo de público foi afetado.

Na mesma entrevista, é referido que no Teatro Garcia de Resende/CENDREV existem acordos com algumas instituições, nomeadamente sindicatos, a quem fazem descontos a troco da divulgação dos espetáculos junto dos seus associados, descontos para jovens, reformados e têm também o PASSAPORTEATRO, que permite um compromisso anual com a programação que organizam no Teatro Garcia de Resende. Existe também,

²³ Presente no anexo 7.

²⁴ Presente no anexo 11.

uma parceria com a Escola Profissional André Gouveia, em Évora, que dispõe de um curso profissional de Artes de Espetáculo. Nesta parceria, os alunos do segundo ano podem fazer um estágio curricular no Teatro Garcia de Resende, dando apoio na construção dos cenários, entre outras tarefas. Ainda têm a possibilidade de fazer o seu projeto final com o CENDREV e apresentar um espetáculo conjunto (informação dada pessoalmente durante o meu estágio no Teatro Garcia de Resende).

Durante o meu período de estágio, verifiquei que à quarta-feira era o dia da semana que tinha menos público e que o segundo dia com menos público era as matinés de domingo. Também durante o estágio, alguns elementos do CENDREV disseram-me que aos domingos faziam parcerias com as Associações de Reformados e Pensionistas da região, e que realizavam um desconto de grupo.

Em relação à localização, o Teatro Garcia de Resende situa-se junto a uma das entradas da muralha/centro histórico, tem dois cafés perto, alguns restaurantes à volta, o Jardim das Canas em frente e um parque de estacionamento na parte de trás que é pago durante a semana até às 19h e gratuito no fim de semana.

Possui um acesso para pessoas com dificuldades motoras, tendo na entrada dos artistas um elevador de escadas que dá passagem para a plateia e para o primeiro andar dos camarotes.

Em relação ao preço dos bilhetes, considero que é bastante acessível, o bilhete normal custa 6 euros, mas com os vários tipos de descontos que referi acima, muitos bilhetes ficam a 3 euros. O CENDREV também desenvolve espetáculos para escolas, que são gratuitos, mediante marcação (como a “Embarcação do Inferno”, a que assisti enquanto decorria o estágio) e ainda apresenta espetáculos ao ar livre e festivais gratuitos (como alguns espetáculos da BIME e alguns do Ciclo de Teatro Ibérico).

Em relação à descentralização dentro do distrito de Évora, o CENDREV leva espetáculos a várias vilas e aldeias²⁵, nomeadamente:

1. Torre de Coelheiros (24km de Évora)
2. Azaruja (22km de Évora)
3. Guadalupe (13km Évora)
4. S. Manços (23km Évora)
5. S. Miguel de Machede (19km Évora)

²⁵ Consultado em <http://www.cendrev.com/index-2.html>

6. Canaviais (6km Évora)
7. Bacelo (2km Évora)
8. Nossa Senhora da Boa Fé (24km Évora)
9. S. Sebastião da Giesteira (20km Évora)
10. Redondo (37km Évora)
11. Arraiolos (22km Évora)
12. Aldeias de Montoito (37km Évora)
13. Montemor-o-Novo (29km Évora)
14. Sabugueiro (33km Évora)
15. Graça do Divor (14km Évora)
16. Vimieiro (33km Évora)
17. Borba (55km Évora)
18. Alandroal (53km Évora)
19. Aldeia da Serra (34km Évora)
20. Estremoz (46km Évora)
21. Monsaraz (53km Évora)

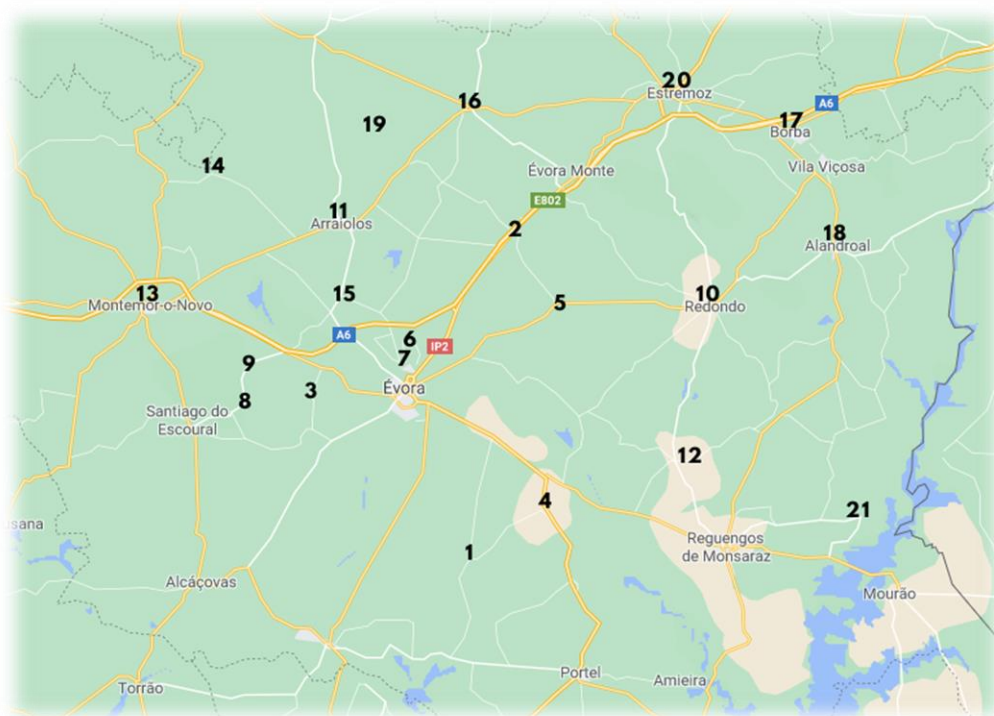


Fig. 1 - Representação no mapa dos locais referenciados anteriormente.

Muitos são os locais onde o CENDREV levou espetáculos ao longo dos 45 anos, e muitos dos locais referidos receberam mais do que um espetáculo. Com esta informação

constato que a companhia, ao longo dos seus 45 anos de existência, conseguiu percorrer grande parte do distrito de Évora e realizar um dos principais objetivos quando a formaram, ou seja, a descentralização.

Ao falar da descentralização desta companhia e da sua formação de públicos, não podia deixar de referir as políticas culturais nacionais existentes.

Assim, as políticas culturais nacionais passam por identificar, estimular e articular as componentes culturais em todas as áreas da governação e em particular as da educação, formação, emprego, desenvolvimento regional, turismo e comércio externo. O governo também afirma, no Programa XXI do Governo Constitucional, ter como prioridades: reestruturar o setor, dotando-o de modelos orgânicos flexíveis e eficazes adequados à especificidade da sua missão; desconcentrar as competências de tutela patrimonial e de apoio à criação; estimular o trabalho em rede entre Administração Central e Local e entre os agentes públicos e a sociedade civil; e redefinir as regras e procedimentos de concessão de apoios.

O governo promoverá, pois, uma política cultural transversal, identificando, estimulando e articulando as componentes culturais em todas as áreas da governação, em particular as da educação, formação, emprego, desenvolvimento regional, turismo e comércio externo, de que será exemplo paradigmático o lançamento de um programa de investimento para a recuperação do património histórico que mobilizará várias destas áreas. (Programa XXI do Governo Constitucional, 2015-2019, p.197)

Analisando as políticas culturais nacionais, posso constatar que o CENDREV cumpre muitas dessas diretrizes, tais como estimulação da educação e da formação local, do desenvolvimento da região do Alentejo, do emprego a pessoas da área da cultura, da promoção e do desenvolvimento turístico ao organizarem os Festivais Internacionais e ainda a promoção comercial externa, quer nos dias de espetáculo, quer nos dias de ensaios. Na sequência desta constatação e de acordo com Dr. Abílio Fernandes (Barradas, 2000, p.12) “De facto, uma verdadeira política cultural deve afirma-se através da implementação, consolidação e desenvolvimento de projetos como este; pela sua constância, regularidade e inserção na cidade, no concelho e na região, foi e é fator de desenvolvimento.”²⁶

²⁶ Presente no anexo 7.

Posso também constatar que, a atividade constante do CENDREV e o público fiel à companhia, auxilia nesta estimulação que é falada como objetivo das políticas culturais nacionais.

3 - OS ÚLTIMOS 10 ANOS DO CENDREV

Em 2003, a Escola de Formação Teatral do CENDREV apresentou o seu o último espetáculo. ²⁷O Fundo Social Europeu deixou de financiar as formações teatrais que tinham uma estrutura de ensino, com o enquadramento da Escola de Formação Teatral do CENDREV.²⁸

Em 2009, o encenador/ator Mário Barradas morre e a companhia fica com José Russo e Rosário Gonzaga como seus diretores. Além de todas estas mudanças, o CENDREV, tal como muitas outras companhias, sofreu igualmente cortes nos apoios financiados pelo Estado.

Em 2019, enquanto estava a estagiar, o CENDREV recebeu a notícia que pela primeira vez em 45 ano de existência não foram apoiados. Neste momento, atravessam uma fase muito difícil e que pode pôr em causa a sua permanência no panorama cultural português. Apesar de terem ainda o apoio da Câmara Municipal de Évora, este não chega para manter uma estrutura com sete pessoas com contrato fixo, com uma programação regular, com a formação e com a descentralização.

Em 2020, no fim do meu estágio, o Teatro Garcia de Resende inicia obras de manutenção e conservação, o que veio afetar ainda mais o trabalho da companhia.

Na atualidade, os funcionários da companhia encontram-se todos no desemprego, dado que a Ministra da Cultura deu um aval negativo ao reforço do orçamento para a cultura. No dia 2 de julho a companhia publicou um comunicado na página do Facebook, para dar conhecimento ao público da situação com que se deparam:

“Trabalhadores do Cendrev obrigados a recorrer ao fundo de desemprego.

²⁷ Consultado em http://www.cendrev.com/espectaculos_historiaaa01.html?ano=2003&id=23

²⁸ Consultado em <https://coffeepaste.com/jose-russo-cendrev-entrevista/>

O Cendrev é uma das companhias de teatro que, embora tenha tido a sua candidatura elegível no último concurso de apoio às artes, não beneficiou do respectivo apoio, porque o dinheiro disponível só permitiu financiar parte dos projectos apresentados.

Confrontados com esta situação, a nosso ver profundamente injusta, reclamámos junto de várias entidades com responsabilidades políticas e do senhor Primeiro Ministro, enquanto principal responsável pela orientação das políticas públicas e reclamámos também em ações públicas organizadas pelo sector das artes.

No dia 14 de Janeiro, fomos recebidos pela Senhora Ministra da Cultura, a quem tivemos oportunidade de colocar, aprofundadamente, as razões porque pensamos que o projecto do Cendrev – Centro Dramático de Évora, continua a ter um papel importante na acção cultural que se desenvolve na cidade e na região.

No final da reunião, foi-nos transmitido que em Fevereiro a Senhora Ministra anunciaria as suas decisões. Essas decisões ainda não foram anunciadas até hoje.

Na avaliação que fizemos dessa reunião, concluímos que havia disponibilidade para encontrar uma solução para o financiamento das estruturas que garantem uma “porta aberta”, que configuram um projecto estruturante no plano nacional. Foi-nos até solicitado um memorando com as principais actividades do Cendrev, o que naturalmente fizemos de imediato.

No princípio de Março, solicitámos à DGARTES indicação relativamente à situação do Cendrev e foi-nos comunicado, via telefone, que seríamos convocados no final do mês para discutir e assinar um protocolo entre a DGARTES e o Cendrev, protocolo que definiria os termos do apoio ao nosso trabalho em 2020 e previa igualmente a sua renovação para 2021.

Entretanto, ocorreu o agravamento da situação pandémica que provocou o encerramento de muitas actividades e o confinamento da grande maioria dos cidadãos, de acordo com as indicações das autoridades competentes.

Após o período de emergência e o anúncio de abertura de serviços públicos, museus, escolas, teatros e muitas outras actividades, voltámos ao contacto com a DGARTES, no sentido de perceber se poderíamos retomar o processo de discussão e assinatura do protocolo, a fim de regularizar a situação do Cendrev em 2020 e 2021. Para nossa surpresa, foi-nos comunicado que a questão dependia, de novo, de decisão da senhora Ministra da Cultura.

Ficámos verdadeiramente incrédulos com o que estava a acontecer com o Cendrev, não é aceitável deixar em suspenso durante tanto tempo uma companhia que ao longo de 45 anos cumpriu com rigor as suas obrigações de serviço público.

Voltámos ao contacto com a Senhora Ministra no dia 26 de Maio e no dia 30 de Junho, para transmitir a nossa profunda indignação com todo este processo que afeta profundamente os trabalhadores e fere a dignidade deste projecto artístico profissional que foi pioneiro da descentralização cultural no país e soube construir marcas assinaláveis na realidade cultural da cidade e da região.

Empurram-nos, ao longo da última década, para uma crescente precariedade, para uma situação que, como se está a ver, já não terá retorno. Já não temos mais tempo para esperar por uma decisão que não querem tomar.

O Cendrev não pode cumprir as suas obrigações e conseqüentemente perspetivar o que quer que seja. Os trabalhadores da companhia são obrigados a recorrer ao subsídio de desemprego para garantir a sua subsistência”. (Facebook do CENDREV, 2 de julho de 2020)²⁹

²⁹ Consultado em <https://www.facebook.com/cendrev.teatro>

4 – O ESTÁGIO E O MEU PERCURSO NO CENDREV

O meu estágio durou 4 meses, teve o seu início no mês de setembro de 2019 e terminou no mês de janeiro de 2020. De realçar que quando cheguei à companhia fui muito bem recebida por todos os que nela trabalhavam.

Fui integrar a equipa do espetáculo “O Cerejal”, de Anton Tchekhov, que era uma parceria e coprodução com a Universidade de Évora. Neste, estavam também a participar estudantes da licenciatura em Teatro e estudantes da licenciatura em Música da Universidade.³⁰ Para além destes, participaram também estudantes do curso de Multimédia e Design da mesma instituição.

No espetáculo, e a meu pedido, realizei estágio na área da produção executiva, mais concretamente, colaborei em tudo o que era necessário para a montagem deste, tal como ir comprar adereços e materiais vários, agendar os horários de ensaios de acordo com as indicações da encenadora, e ainda dar apoio na área da direção de cena, ou seja, durante os espetáculos era responsável pela organização do palco e pelas indicações de início do mesmo.

Nesta fase inicial, a pessoa que me orientou e acompanhou na primeira parte do estágio, foi a atriz Rosário Gonzaga, que me atribuiu várias tarefas. A Rosário Gonzaga é atriz do CENDREV e também é, em conjunto com o ator José Russo, diretora da companhia.

No início comecei por assistir a dois ensaios para me colocar a par do projeto, dado que os ensaios tinham já começado no mês de julho. Para uma melhor organização da minha atividade, comecei por tomar notas nos vários apontamentos que me foram dados pela encenadora, e professora do curso de Teatro na Universidade de Évora, Ana Tamen. Para além desta metodologia, reunia com a Rosário e com a atual diretora de cena do teatro, Maria Rita Conceição, duas vezes por semana, para começarmos a perceber o que era necessário comprar, analisar o orçamento e planear os horários dos ensaios. Maria Rita Conceição trabalhava inicialmente na companhia na parte da equipa técnica, mas

³⁰ Cartaz presente no anexo 10.

teve a possibilidade de trabalhar na Câmara Municipal de Évora e ficou como diretora de cena do Teatro Garcia de Resende.

Quando concluímos a lista de todos os adereços necessários e de todo o material indispensável para a cenografia e figurinos, realizámos a compra dos mesmos.

A cenografia foi desenhada por Luís Santos, que também é professor no curso de Teatro da Universidade de Évora, e foi executada por um técnico e carpinteiro de cena do Teatro, Tomé Baixinho, que inicialmente trabalhava na equipa técnica do CENDREV e atualmente trabalha na Câmara Municipal de Évora.

Os figurinos ficaram a cargo da atriz Rosário Gonzaga e de uma costureira contratada para realizar pequenos ajustes.

A meio do mês de setembro realizou-se a mudança da sala dos ensaios, para a sala de espetáculos onde este ia ser apresentado. Agendaram-se mais uns ensaios, para que os atores se pudessem adaptar ao palco, e em conjunto com a encenadora, elaborei um horário que fosse compatível com o calendário letivo dos estudantes.

Por fim, foi marcado o ensaio de imprensa³¹, o ensaio de fotografia³², o ensaio de mudanças de cena³³, o ensaio com os músicos e por fim o ensaio geral. Quando todos os adereços de cena ficaram prontos, iniciaram-se os ensaios com os mesmos e marcou-se um ensaio para mudanças de cena e, nesta fase, foram-me atribuídas funções de direção de cena, que tiveram como base a minha proposta.

Deste modo, prestei auxílio nas mudanças de cena e na preparação dos adereços. Ainda quando nos encontrávamos nos últimos ensaios e antes do ensaio geral, foi pedido à encenadora se era possível, uma turma do curso de fotografia da Universidade de Évora ir assistir e tirar fotografias de ensaio, o que foi aceite.

Por último, o ensaio geral teve lugar no dia 9 de outubro de 2019.

A temporada teve catorze sessões, começou no dia 10 de outubro de 2019 e terminou no dia 27 de outubro, sendo que uma delas não se realizou por falta de público. A sessão que não se realizou foi numa quarta-feira e ao conversar com os elementos da companhia, disseram-me que às quartas-feiras, costuma existir menos público e como nesse dia estava a chover, acabou por influenciar a falta de público.

³¹ Ensaio realizado para a imprensa para divulgação do espetáculo.

³² Ensaio realizado para captura de imagens de ensaio e de possíveis imagens de cartaz.

³³ Ensaio realizado para treino de mudança de cenografia e adereços em cena.

A nível da assiduidade do público, embora num dos dias como referi anteriormente, o espetáculo não se realizou por falta deste, a média foi de trinta pessoas por sessão, à exceção do dia da estreia, em que estiveram cerca de cento e sessenta pessoas. Pude também aferir que havia mais público à sexta-feira, sábado e domingo, nesses dias iam cerca de quarenta pessoas ver o espetáculo, à quarta-feira e à quinta-feira iam cerca de vinte pessoas.³⁴

Após o término das apresentações programadas para o Teatro Garcia de Resende, realizámos uma digressão³⁵ nos concelhos de Braga e Viana do Castelo. Por conseguinte, fui nessa digressão para tratar da receção do espetáculo nos espaços, para ajudar na montagem e desmontagem da cenografia, para tratar dos alojamentos, dos horários e dos espaços de refeições, e ainda para a agendar os horários dos ensaios. Parti de Évora, no dia 18 de novembro, com o diretor técnico da companhia e do Teatro Garcia de Resende, António Rebocho, e com o técnico do Teatro Garcia de Resende, Tomé Baixinho.

Quando chegámos a Braga, fizemos o descarregamento dos cenários, adereços e figurinos e iniciámos a montagem com os técnicos do Teatro Circo de Braga. No final do dia chegaram os atores, e realizou-se o ensaio de afinação de luz e de adaptação ao espaço.

No dia 19 de novembro de 2019, da parte da tarde, realizou-se o ensaio geral e às 21:30h realizou-se o espetáculo. Quando terminou concretizámos a desmontagem e colocámos todos os materiais na carrinha.

No dia 20 de novembro, deslocámo-nos para o Teatro Municipal Sá de Miranda, em Viana do Castelo, onde iniciámos, de novo, a montagem dos cenários e a distribuição de camarins.

No dia 21 de novembro de 2019, da parte da manhã, realizámos um pequeno ensaio de adaptação ao espaço e de afinação de luz. Da parte da tarde, fizemos o ensaio geral e, às 21:30h, concretizou-se o espetáculo. De seguida, efetuámos a desmontagem e o carregamento para a carrinha.

No dia 22 de novembro regressámos a Évora. Nesses dois espetáculos que se realizaram em Braga e Viana do Castelo estiveram cerca de oitenta pessoas a assistir.

³⁴ O número de pessoas foi confirmado por mim junto da bilheteira.

³⁵ Digressão é o termo usar para a circulação do espetáculo fora do local da estreia.

Após o término deste espetáculo, indaguei se era possível ir trabalhar com a Diretora de Produção do CENDREV, Cláudia Silvano, no gabinete de produção (que se situa no edifício do Teatro, mas no primeiro andar), para poder aprender mais sobre a direção de produção e fazer alguns levantamentos necessários para as questões relativas ao meu estágio. Durante o período de tempo em que estive a trabalhar no gabinete de produção, colaborei na organização de toda a documentação que tinha de ser apresentada à DGARTES, que incluía a recolha dos dados de todas as despesas existentes ao longo do ano, dados estes que seriam também utilizados no relatório anual. Essa organização foi muito importante porque, pelo que aprendi com a Cláudia, a informação ao estar organizada e inserida em Excel, ajuda muito no preenchimento dos requisitos pedidos no portal da DGARTES e auxilia na contabilidade.

Por conseguinte, verifiquei que o CENDREV mantém as propostas e objetivos construídos desde a sua fundação. Permanece no seu escopo levar a cultura a todos. A companhia continua a fazer digressões pelas aldeias e vilas no distrito de Évora, de forma a que, as pessoas que não têm possibilidade de se deslocar ao centro para assistir aos espetáculos, tenham a mesma oportunidade das que vivem no centro da cidade.

Continuam ainda, preocupados com o público de Évora e mais concretamente com o público mais jovem e da infância. Prosseguem com as digressões por todo o país para levar o seu trabalho a todos os portugueses. Como a companhia também faz a programação³⁶ do Teatro Garcia de Resende, levam a Évora companhias, não só de teatro, mas também de outras áreas artísticas, vindas de todo o país e de vários pontos do mundo.

Programam o Ciclo de Teatro Ibérico e trazem espetáculos de Espanha até Évora. Continuam com a apresentar a Bienal Internacional de Marionetas de Évora (BIME), embora tivesse sido cancelada por duas vezes, por falta de financiamento, mas no ano de 2019 conseguiram organizar de novo este evento.

Mantêm o espólio dos Bonecos de Santo Aleixo e fazem digressões por todo o mundo. Continuam, acima de tudo, a trabalhar arduamente, todos os dias, para arranjar uma solução que permita que a companhia não termine.

Segundo os princípios da UNESCO, deve promover-se a diversidade cultural, promover-se as políticas culturais, bem como o conhecimento e diálogo intercultural e inter-religioso; deve promover-se as indústrias culturais e expressões artísticas. A partir

³⁶ Função de programar espetáculos a longo prazo.

destes princípios, que a UNESCO defende, e na minha opinião, o CENDREV, na sua missão, encaixa-se nestes na perfeição.

Na Constituição da República Portuguesa, no capítulo III - Direitos e deveres culturais, o Artigo 73.º - Educação, cultura e ciência³⁷, refere que: 1. Todos têm direito à educação e à cultura; 3. O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais. O Artigo 78.º - Fruição e criação cultural³⁸, refere que: 1. Todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural; 2. Incumbe ao Estado, em colaboração com todos os agentes culturais: a) Incentivar e assegurar o acesso de todos os cidadãos aos meios e instrumentos de ação cultural, bem como corrigir as assimetrias existentes no país em tal domínio; d) Desenvolver as relações culturais com todos os povos, especialmente os de língua portuguesa, e assegurar a defesa e a promoção da cultura portuguesa no estrangeiro; e) Articular a política cultural e as demais políticas sectoriais.

A partir destes dois artigos, posso aferir que o CENDREV tem na sua génese o que está conceituado nesta legislação, pois a companhia assegura e incentiva o acesso à cultura, a todos os cidadãos do distrito de Évora, e o Estado ao não apoiar a companhia, tal como outras no distrito, está a ir contra a sua Constituição, pois está a limitar este acesso.

³⁷ Presente no anexo 9.

³⁸ Presente no anexo 9.

CONCLUSÃO

A importância da cultura na sociedade, no meu ponto de vista, é enorme e o facto de viver no Alentejo Central e ter realizado o estágio com uma companhia que desenvolve um trabalho ativo numa cidade pequena em comparação com Lisboa e Porto, pude perceber que é necessário trabalhar a cultura nos locais mais pequenos. Este trabalho serviu para abordar um tema que atualmente tem sido muito debatido, mas não por parte de quem está à frente da pasta da cultura. É importante desenvolver trabalho cultural em Lisboa, mas também é muito importante desenvolvê-lo em Évora e na Aldeia da Serra (aldeia que pertence a Arraiolos e que tem poucos habitantes).

Este relatório permitiu-me abordar e mostrar a importância do trabalho desenvolvido pelo CENDREV, quer a nível local, quer a nível nacional.

Presentemente, o CENDREV tem apenas como atividade, os Bonecos de Santo Aleixo que estão em cena e fazem digressão. Relativamente aos trabalhadores da companhia, estes estão todos no desemprego, uma vez que não conseguiram obter o apoio sustentado do Estado, e por essa razão não era possível pagar os ordenados.

BIBLIOGRAFIA

- Barradas, M. (Dir.). (1995). Documentos. *Adágio*, Jul-Dez 15/16, 18-35.
- Barradas, M. (Dir.). (1995). Vectores-Testemunhos. *Adágio*, Jul-Dez 15/16, 38-45.
- Barradas, M. (Dir.). (2000). Sessão Comemorativa do 25º Aniversário do CCE / CENDREV. *Adágio*, Fev-Mai 26, 9-23.
- CENDREV. (2006). Mário Barradas: Um homem no teatro. *Adágio*, 103-118.
- Neves, J. S. (2004). Constituição de redes de equipamentos e seus impactos: o caso da rede portuguesa de museus. *ISCTE*, 223-239.
- Rebelo, J., Correia, L. & Cristóvão, A. (2007). Redes culturais e desenvolvimento local: a experiência do comum. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, nº 15, 1-40.
- Silva, A. S. (2007). Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro. *Sociologia, problemas e práticas*, nº 34, 11-33.
- Matoso, R. (2013). Práticas de animação. *Políticas Culturais e Democracias Locais*, ano 7, nº 6, 1-17.

WEBGRAFIA

- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. (2020). *Cultura*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cultura>.
- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. (2020). *Censura*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/censura>.
- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. (2020). *Lápis Azul*. [https://www.infopedia.pt/\\$lapis-azul](https://www.infopedia.pt/$lapis-azul).
- Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. (2020). *Democracia*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/democracia>.
- UNESCO. (s.d.). http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf.
- Assembleia da República (2005). *Constituição da República Portuguesa*. <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- Centre Dramatique National Besancon Franche-Comité. (s.d). *Qu'est-ce qu'un Centre Dramatique National?* <https://www.cdn-besancon.fr/quest-ce-quun-centre-dramatique-national>.
- Ministère de la Culture. (s.d). *Théâtres nationaux*. <https://www.culture.gouv.fr/Sites-thematiques/Theatre-spectacles/Le-theatre-et-les-spectacles-en-France/Theatres-nationaux>.
- Ministère de la Culture. (s.d). *Centres dramatiques nationaux (CDN)*. <https://www.culture.gouv.fr/Sites-thematiques/Theatre-spectacles/Le-theatre-et-les-spectacles-en-France/Centres-dramatiques-nationaux-CDN>.
- Coffeepaste. (2016) *José Russo (CENDREV) – Entrevista*. <https://coffeepaste.com/jose-russo-cendrev-entrevista/>.
- Ávila, N. (s.d). *Norberto Ávila: Biografia extensa*. <http://norberto-avila.eu/>.
- RTP Notícias. (2006) *Centro Dramático de Évora homenageia sábado o "velho" Mário Barradas*. https://www.rtp.pt/noticias/cultura/centro-dramatico-de-evora-homenageia-sabado-o-velho-mario-barradas_n158851.
- CENDREV. (s.d). <http://www.cendrev.com/index-2.html>.
- Facebook. (2020). *Cendrev - Centro Dramático de Évora* <https://www.facebook.com/cendrev.teatro>.
- Programa XXI do Governo Constitucional. República Portuguesa. (2015-2019). <https://www.portugal.gov.pt/ficheiros-geral/programa-do-governo-pdf.aspx>.
- Constituição de 23 de setembro de 1822. (1822) <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1822.pdf>.
- Matoso, R. (2019). *Descentralização: é agora?* https://www.academia.edu/42136003/CADERNO_3o_ENCONTRO_PERFORMART_DESCENTRALIZAÇÃO_É_AGORA.

- Vasques, E. (1999). *O Teatro Português e o 25 De Abril: Uma história ainda por contar*. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/3378>.
- Observador. (2020). *Agentes culturais da região Centro criticam assimetrias na atribuição de apoios da DGArtes*. https://observador.pt/2020/12/13/agentes-culturais-da-regiao-centro-criticam-assimetrias-na-atribuicao-de-apoios-da-dgartes/?fbclid=IwAR3s2ITuyyos4S2siFZ-BMgWGuek1IVgg3QV-Kz_-k0t29Wfxx23vInndnE.

ANEXOS

Anexo 1

“À atenção do Senhor Diretor-geral da Cultura Popular e Espetáculos Engº Vasco Pinto Leite

Sugestões para uma descentralização teatral da criação de Centros Dramáticos na província

- Para além das necessárias digressões das Companhias existentes e outras que possam vir a constituir-se, a verdadeira, a urgente descentralização teatral do País terá de processar-se com a criação de pelo menos cinco ou seis agrupamentos profissionais, ou provisoriamente semiprofissionais, integrados em Centros Dramáticos semelhantes aos que existem em muitos países.

-Haveria que iniciar, no mais breve prazo possível, a organização de uma série desses Centros Dramáticos nas principais Capitais de Distrito, pela ordem de prioridade que um estudo do problema viesse a recomendar.

Admitamos:

Numa 1ª Fase: Coimbra, Évora, Braga, Viseu

Numa 2ª Fase: Faro. Vila Real, Castelo Branco, Santarém

- Estes Centros Dramáticos seriam subsidiados pelo Ministério da Comunicação Social, através do Fundo de Teatro.

- Seria pedida a colaboração dos Governos Cívicos e das Câmaras Municipais (que devem dispor de verbas, embora possivelmente modestas, para iniciativas culturais).

- Estudar-se-ia a possibilidade de um trabalho conjunto com a FNAT, que reorganizada, pode vir a desempenhar um papel importantíssimo no desenvolvimento cultural da Província.

- Porque fora de Lisboa e Porto, pelo menos de início, não haveria público para espetáculos durante toda a semana, estes poderiam ser alternados com outros em diversas localidades do Distrito ou Distritos circunvizinhos.

- Nos elencos dos Centros Dramáticos poderiam integrar-se, com vantagem, elementos do teatro amador, alguns dos quais, talvez, futuros atores profissionais. (..)

- (Não esqueçamos que, reestruturada há poucos anos a Escola de Teatro do Conservatório Nacional, há que pensar em criar condições de segurança profissional aos novos atores, praticamente a terminar os seus cursos e certamente em maior número que noutros tempos.)

- Competiria também aos Centros Dramáticos fomentar o gosto pelo bom teatro (através de conferências ilustradas, colóquios, exposições, etc.); dar apoio técnico aos grupos de amadores da região a realizar espetáculos infantis em teatros, coletividades e escolas. Poderiam mesmo organizar com as crianças jogos cénicos, exercícios de improvisação e expressão corporal, etc.

- Os Centros Dramáticos praticariam entre si um intercâmbio frequente, quanto a espetáculos, encenadores, decoradores e intérpretes. Preparariam também o público da região para a vinda de

companhias visitantes, dos outros Centros Dramáticos, profissionais de Lisboa e Porto, e dos melhores grupos de amadores.

- Um sistema de assinaturas garantiria aos espectadores associados condições especiais, com descontos nos bilhetes dos espetáculos do próprio Centro Dramático e de outras companhias visitantes.

- Aos Centros Dramáticos seria feito apelo no sentido da realização do maior número possível de textos portugueses, como estímulo à dramaturgia nacional, que nestas últimas décadas conheceu a maior decadência de todos os tempos. Novas obras poderiam ser encomendadas e particularmente desejáveis seriam as que tratassem, de maneira construtiva, os grandes problemas da vida portuguesa.

- Sugere-se que a um ou dois dos novos grupos que pedem subsídio para a temporada de 1974/75 seja apresentada uma contraproposta, com garantia de apoio do Fundo de Teatro, se concordarem em fixar-se em capitais distritais (particularmente dentre as que vão referidas) e aí criarem centros dramáticos de descentralização.

- Outra hipótese, em caso de naqueles grupos não haver nenhum a quem interessasse esta fixação na Província: abrir expressamente um concurso para o efeito.

Lisboa, Secção de Teatro, Música e Bailado, 25/9/74

(Norberto Ávila) (Barradas, 1995, pp. 20-21)

Anexo 2

“Ministério da Comunicação Social

Gabinete do Ministro

Despacho

Com vista à prossecução de uma política de descentralização cultural, e na medida em que essa política pode ser grandemente dinamizada pela acção de centros culturais, regionais e irradiantes, é criado o Centro Cultural de Évora, no âmbito e sob a dependência da Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos, do Ministério da Comunicação Social.

A criação urgente deste primeiro centro cultural, ditada pela necessidade de realização de experiências imediatas neste campo, não prejudica a sua futura integração no quadro da Lei Orgânica do Ministério da Comunicação Social, actualmente em preparação.

Para dirigir o Centro Cultural de Évora, que se regerá por estatutos próprios oportunamente aprovados, é nomeado, por proposta do Director-geral da Cultura Popular e Espectáculos, o licenciado Mário de Melo dos Santos Barradas, técnico especialista de reconhecida competência, o qual auferirá o vencimento de 12.300\$00 (correspondente à letra E).

Deste despacho deve ser dado conhecimento ao Ministro das Finanças e ao Primeiro-Ministro.

Ministério da Comunicação Social, 11 de Janeiro de 1975

O Secretário de Estado da Comunicação Social, Guilherme George
Conceição Silva.” (Barradas, 1995, p.24)

Anexo 3

“Centros Culturais

1ª proposta: ÉVORA

1. Excluindo, de momento, Lisboa e Porto, cidades que nestes próximos tempos poderão ser servidas pelas estruturas já existentes, parece imperioso iniciar desde já a criação de um certo número de Centros Culturais em diversas zonas do País. (..)

2. Os primeiros Centros Culturais, criteriosamente localizados, deverão ser os verdadeiros pilotos dos futuros estabelecimentos congéneres e permitir a formação de quadros, até que, neste empreendimento, se atinjam progressivamente as formas ideais.

3. Os Centros Culturais deverão partir de bases essencialmente profissionais, única forma de garantir eficácia, rentabilidade e apreciável grau qualitativo à ação a desenvolver. E as atividades dos amadores instalados na Província carecem quase sempre do apoio profissional, técnica e artisticamente para poderem alcançar o nível que, de outro modo, raramente conseguirão atingir. Acresce que a verdadeira ação cultural na Província não se compadece com o aproveitamento exclusivo dos chamados "ócios ativos" (tempos livres).

4. Numa primeira fase haverá que garantir a animação cultural de zonas no Norte, Centro e Sul do País, a partir das quais se irradiem novas perspectivas para a localização de outros futuros Centros, até à cobertura total do território, incluindo as Ilhas Adjacentes.

4.1 Em princípio, e mesmo atendendo às atuais capacidades financeiras e ainda à falta de quadros qualificados, parece de admitir a criação imediata de 3 Centros situados em Évora, Coimbra e Braga.

5. O financiamento destes como dos futuros Centros teria de ser o resultado de um esforço de carácter nacional, da conjugação de recursos dos diversos ministérios e entidades mais ligadas aos problemas culturais. Só uma coordenação dos meios de que dispõem os Ministérios da Comunicação Social, Educação e Cultura e do Trabalho (FNAT), e ainda, por exemplo, a Fundação Gulbenkian, possibilitará uma ação correta, segura, rentável e voltada desde logo para os objetivos finais a atingir em matéria de descentralização.

6. Os Centros Culturais deverão ter como atividade essencial o Teatro, arte capaz de desencadear os processos de adesão, interesse e atração de largas camadas de público, no sentido de uma efetiva democratização da Cultura. A experiência da maioria dos países da Europa assim o indica e sabe-se que as poucas tentativas ensaiadas sem essa orientação fracassaram completamente e tiveram posteriormente de ser reconvertidas. (..)

6.2 Tal princípio, imprescindível e obrigatório, não contraria, antes pelo contrário, a necessária polivalência cultural que deve presidir às atividades de Centros deste tipo.

6.3 Esta polivalência terá de considerar a organização e a programação de atividades múltiplas que englobem o cinema, as artes plásticas, a música, o bailado, as próprias variedades, a divulgação científica, e a reflexão teórica em todos estes domínios (colóquios, conferências, debates, exposições, etc.) (...)

7.No sentido do que fica exposto e com vista concretização prática e imediata destes propósitos, dirigiram-se os signatários a ÉVORA, a fim de, no próprio local, colherem informação que permitisse avaliar as condições existentes naquela cidade e elaborar um projeto de implantação urgente e que funcione como ensaio e primeiro exemplo dos Centros e instalar prioritariamente.

8.Porque a cidade de Évora nos parece reunir condições excepcionais para nela se instalar o primeiro dos Centros Culturais cuja criação urgente vimos defendendo, ali nos dirigimos em 21 de Outubro, com a intenção de estabelecermos alguns contactos nesse sentido.

Essas condições excepcionais são essencialmente:

-Situação geográfica;

- Existência de um Teatro Municipal (Garcia de Resende)

- Existência de um público suficientemente iniciado e interessado, que tem vindo a aumentar consideravelmente desde a criação do Festival de Teatro, há quatro anos, pela Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António de Aguiar.

- Possibilidade de cobrir, com pequenas digressões, pelo menos todas as vilas do Distrito, e, através da organização do chamado grande circuito, as seguintes linhas de irradiação:

a) Beja, Mértola, Faro;

b) Setúbal, área industrial de Sines.

c) Estremoz, Elvas, Portalegre

-As tradições culturais da cidade, com possibilidade de aproveitamento das iniciativas da região (grupos de teatro amador, grupos folclóricos e corais, bandas de música, clube Juvenil de Cinema, Museu, Biblioteca, etc.), assim como a existência de uma larga população estudantil (ensino técnico, liceal e universitário).

-O excepcional interesse arquitetónico da cidade e excelência do clima durante o verão, condições ótimas para a realização de um grande festival de verão, comum às várias artes, como polo de atração relativamente a todo o País.

9.Os contactos que tivemos com o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Évora, Arquitecto Tierno Bagulho, e com a responsável pelo pelouro cultural daquele Município, Dr^a Maria Ana Queiroga Dias, revelaram-se extremamente encorajantes e podemos afirmar que o projeto de criação de um Centro Cultural virá precisamente ao encontro de fundas preocupações locais.

10.O Teatro Municipal Garcia de Resende pode ser inteiramente afetado ao Centro Cultural, permitindo ainda o aproveitamento de certos serviços de manutenção prestados pelo Município. (...)

Mário Barradas

Norberto Avila” (Barradas, 1995, pp.22-23)

Anexo 4

“Direção Geral da Cultura Popular e Espetáculos

Centro Cultural de Évora

1. O Centro Cultural de Évora insere-se nos objetivos definidos pela Comissão Consultiva para as Atividades Teatrais, com vista ao ensaio de estruturas em que, no futuro, assente uma política nacional de descentralização da cultura.

2.O Centro Cultural de Évora adapta assim formas de pré-figuração e ensaio que servirão para clarificar a implantação definitiva de novos centros.

3.O Centro Cultural de Évora baseia-se, numa primeira fase, essencialmente, num centro de criação e animação de natureza dramática, aberto embora a diversos outros parâmetros da atividade cultural.

4.O Centro Cultural de Évora depende do Ministério da Comunicação Social, ficando adstrito à Direção Geral da Cultura Popular e Espetáculos.

5.O Centro Cultural de Évora tem a sua sede no Teatro Garcia de Resende, em Évora, cujas instalações lhe são afetas por acordo entre a respetiva Câmara Municipal e o Ministério da comunicação social. (...)” (Barradas, 1995, p.24)

Anexo 5

“Presidência do Conselho de Ministros

Secretaria de Estado da Cultura

Despacho nº95/88

Considerando que se impõe regularizar a situação jurídica do Centro Cultural de Évora como instituição de direito privado, regida por estatutos próprios, revogo o despacho do Ministro da Comunicação Social de 11 de Janeiro de 1975, publicado no Diário da República, I Série, de 23 de Janeiro.

Lisboa, 15 de Setembro de 1988

A Secretária de Estado da Cultura,

Maria Teresa Gouveia” (Barradas, 1995, p.35)

Anexo 6

“Mensagem do Ministro da Cultura,
Dr. Manuel Maria Carrilho
Ao CENDREV

O Centro Dramático de Évora ocupa, desde a sua fundação há vinte e cinco anos, um dos lugares pioneiros na descentralização que é uma das causas prioritárias da política de desenvolvimento cultural do nosso país.

A atividade do Cendrev, não só no domínio da criação dramática, mas também como polo de programação cultural permitiu a uma cidade do interior tão importante como Évora tornar-se local de escola, criação e produção constante de teatro de grande qualidade, de escala privilegiada no circuito de criadores das mais diversas áreas e lugar de fruição e formação para um público cujo crescimento em hábitos culturais tem sido uma constante.

É pois com enorme satisfação que, na impossibilidade de estar presente, me associo à data em que o Cendrev comemora o seu quarto de século, manifestando as minhas mais vivas felicitações ao seu diretor e a todos aqueles que ali têm desenvolvido ou desenvolvem um trabalho que se tem revelado como dos mais importantes e significativos na descentralização e no desenvolvimento cultural de uma região e de um país.

Manuel Maria Carrilho”(Barradas, 2000, p.9)

Anexo 7

“Intervenção do Presidente da Câmara Municipal de Évora na sessão de comemoração dos 25 anos do CENDREV,

Dr. Abílio Fernandes

1. Há 25 anos foi o Centro Cultural de Évora, um projeto de descentralização cultural nascido da Revolução de Abril na sequência do 25 de Abril e na dinâmica por este criada, nasceu o Centro Cultural de Évora, um verdadeiro projeto piloto e inovador de descentralização cultural.

O CCE soube integrar-se numa cidade que tinha fortíssimas tradições culturais, de que são exemplo a dinâmica do teatro de amadores, e trouxe à cidade uma estrutura profissional cuja dinâmica, estruturada em torno do teatro, mas abrangendo outras atividades artísticas, foi o principal foco do desenvolvimento cultural que então se iniciou no município.

A instalação do CCE permitiu a revitalização e requalificação do espaço do Teatro Municipal Garcia de Resende, este belíssimo edifício do Teatro à Italiana, então abandonado e que corria o risco de se perpetuar como armazém. Não foi sem algumas dificuldades de aceitação por parte de outros agentes e entidades deste município, que a Câmara disponibilizou, quase na totalidade, a ocupação deste edifício pelo então Centro Cultural de Évora. O crédito que então depositamos neste projeto custou à Câmara alguma adversidade por parte de muitos agentes e instituições que também contribuam - e contribuem - para a dinâmica cultural do município. Podemos dizê-lo: valeu a pena o risco que corremos, pese embora a constante preocupação no encontrar de alternativas; o projeto em curso de recuperação do Salão Central Eborense vai responder a uma das maiores necessidades sentidas neste município.

A Câmara foi assim e desde o início um parceiro entusiasta deste projeto: porque sempre defendemos a descentralização nunca a confundimos com desconcentração; muitos governos têm chamado descentralização a uma serie avulsa de iniciativas que, independentemente da sua qualidade, não ultrapassam a dimensão do efémero, não criam raízes, não contribuem para um verdadeiro desenvolvimento cultural.

De facto, uma verdadeira política cultural deve afirma-se através da implementação, consolidação e desenvolvimento de projetos como este; pela sua constância, regularidade e inserção na cidade, no concelho e na região, foi e é fator de desenvolvimento. (...)

As fases mais difíceis foram ultrapassadas com sucesso; da fusão do então CCE com o Teatro da Rainha, nasceu-o Cendrev, herdeiro do património e continuador da dinâmica já criada.

O Cendrev continuou a apostar nas vertentes introduzidas pelo CCE:

- a produção e divulgação teatral através de uma forte e experimentada estrutura profissional;
- a formação: a escola de teatro do Cendrev tornou-se uma referência nacional, funcionando como polo de atração para jovens de todo o país; no Cendrev formaram-se atores e atrizes,
- encenadores e técnicos: muitos desenvolvem a suas atividades em campos diversos: o teatro, o cinema, a televisão, a música, etc.
- o Cendrev contribuiu para a revitalização de ricas tradições populares; os Bonecos de Santo Aleixo constituíram uma das mais válidas experiências de recuperação patrimonial e tornaram-se numa autêntica embaixada cultural do Alentejo em todo o mundo.

- Bienal Internacional de Marionetas é uma referência internacional ao mundo dos usados e ata o caldo

Com o apoio artístico e técnica de Cendrev desenvolveram-se inúmeras atividades profissionais e amadoras , não só na cidade e na região , mas com um verdadeiro impacto nacional experiencia , os quadros e a dinâmica do Cendrev contribuíram para a recente criação da licenciatura em estudos teatrais da Universidade. O Cendrev criou condições para experiência inovadora da criação dos Centros Regionais das Artes do Espetáculo e protagonizou a 1ª experiência-piloto destes Centros , que podem e devem ter um importante papel a desempenhar na descentralização cultural. (...)

Hoje o Cendrev é uma peça fundamental da vida do município de Évora; como membro do Gabinete da Cidade, é como responsável por um Plano Estratégico que reconhece a cultura como um dos vetores - chave do desenvolvimento da cidade e do concelho.

No quadro nacional, e fruto da ausência de autênticas políticas culturais de fundo por parte dos sucessivos governos, a descentralização cultural continua a ser uma necessidade, tal como o era há 25 anos. Mas temos hoje uma experiência acumulada e uma dinâmica criada que nos permite olhar o futuro com otimismo

As autarquias continuam a ser um motor fundamental e insubstituível das estratégias de desenvolvimento como a traçada para o nosso município: recordemos que os órgãos de poder local no Alentejo disponibilizam para a área cultural entre 12 a 15 % dos seus orçamentos, contra menos de 1 % por parte do poder central. (...)" (Barradas, 2000, pp. 11-13)

Anexo 8

“Intervenção de Mário Barradas na sessão de comemoração dos 25 anos do CENDREV

(...) Simultaneamente, conseguimos que funcionasse uma Unidade Infância que serviu gerações e gerações de crianças que, muitas delas, hoje integram os nossos públicos.

Recuperamos e conservamos a fabulosa tradição popular alentejana dos "Bonecos de Santo Aleixo" que demos a conhecer a todo o mundo.

Editamos e mantemos a publicação de uma revista de reflexão teórica e crítica que hoje apresenta o seu número 25 e reúne um leque de colaboradores nacionais e estrangeiros de grande qualidade e valia, e que continua a ser um manancial importantíssimo para aqueles que estudam em Portugal os problemas das Artes do Espetáculo.

Nestes 25 anos organizámos e participámos em centenas de debates, colóquios, recitais de poesia, leituras de textos, cursos para grupos de amadores, nas Escolas, nas coletividades, para o público em geral, de norte a sul de Portugal.

E mantemos, em funcionamento desde Outubro de 1975, uma Escola de Formação Teatral que é a menina dos olhos do CENDREV e que formou atores e técnicos espalhados pelo país, do Teatro-Nacional de S. João à recém-formada Companhia do Algarve, a novas companhias, como o Teatro ao Largo e o Teatro do Mar, até companhias que se estruturaram predominantemente ou inteiramente a partir de grupos de alunos, como o Teatro de Portalegre e o Teatro das Beiras. (...)

Entramos assim no ano 2000 de consciência absolutamente tranquila.

A nossa própria e a consciência de termos intransigentemente salvaguardado uma dimensão nacional, a dimensão ética e cívica, e uma insubstituível coerência.

Quero neste momento saudar o Ministério da Cultura, na pessoa da senhora Presidente do IPAE, que com os poucos recursos de que dispõe tem constituído um apoio imprescindível à manutenção da atividade teatral no nosso país.

E endereçar à Câmara Municipal de Évora e ao seu Presidente, proprietária deste excelente recinto que é o Teatro Garcia de Resende e que entrou finalmente agora na última fase de recuperação, as nossas saudações e o nosso reconhecimento pelo apoio que sempre soube prestar-nos desde o dia em que o primeiro Presidente da Autarquia depois do 25 de Abril, o arquiteto Manuel Bagulho, me entregou, a mim pessoalmente, as chaves do Teatro, abrindo assim as portas ao sonho.

E finalmente abraçar com alguma emoção todos os nossos colaboradores e todos os nossos amigos, portugueses e estrangeiros, que nos sustentaram com a sua amizade e reconheceram a dimensão cultural e social do que representou e representa a sobrevivência do Centro Dramático de Évora.” (Barradas, 2000, pp.15-23)

Anexo 9

“Constituição da república portuguesa

CAPÍTULO III

Direitos e deveres culturais

Artigo 73.º

Educação, cultura e ciência

1. Todos têm direito à educação e à cultura.

2. O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva.

3. O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais.

4. A criação e a investigação científicas, bem como a inovação tecnológica, são incentivadas e apoiadas pelo Estado, por forma a assegurar a respetiva liberdade e autonomia, o reforço da competitividade e a articulação entre as instituições científicas e as empresas.

Artigo 78.º

Fruição e criação cultural

1. Todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de preservar, defender e valorizar o património cultural.

2. Incumbe ao Estado, em colaboração com todos os agentes culturais:

a) Incentivar e assegurar o acesso de todos os cidadãos aos meios e instrumentos de ação cultural, bem como corrigir as assimetrias existentes no país em tal domínio;

b) Apoiar as iniciativas que estimulem a criação individual e coletiva, nas suas múltiplas formas e expressões, e uma maior circulação das obras e dos bens culturais de qualidade;

c) Promover a salvaguarda e a valorização do património cultural, tornando-o elemento vivificador da identidade cultural comum;

d) Desenvolver as relações culturais com todos os povos, especialmente os de língua portuguesa, e assegurar a defesa e a promoção da cultura portuguesa no estrangeiro;

e) Articular a política cultural e as demais políticas sectoriais.”



Anton Tchékhov

O CEBE JAL

10/27 out

Encenação: ANA TAMEN
Cenografia: LUÍS SANTOS
Co-Produção: CENDREV e Escola de Artes da Universidade de Évora

TEATRO GARCIA DE RESENDE QUARTA A SÁBADO 21H30 DOMINGOS 16H00 M/12

MAIS INFORMAÇÕES E RESERVAS: geral@cendrev.com 266 703 112



Anexo 11

Entrevista a José Russo

- O Teatro Garcia de Resende é gerido pela Câmara? Se sim desde quando?

O Teatro Garcia de Resende é um espaço municipal gerido pelo Cendrev desde 1975, de acordo com um protocolo entre a nossa estrutura e a Câmara Municipal de Évora.

- Existe algum programador? Se não, como é feita a programação?

A programação do TGR é organizada pelo Cendrev e pelos serviços municipais de cultura. A companhia residente organiza a sua programação e um conjunto de acolhimentos fundamentalmente na área do teatro, garantimos o acolhimento de outros agentes locais e a autarquia organiza o acolhimento de um conjunto de espectáculos nomeadamente na área da música.

- Como medem o fluxo de público?

Organizamos anualmente os relatórios das nossas actividades, onde dispomos desses números, que naturalmente avaliamos no sentido de podermos levar sempre mais longe o alargamento do público.

Nesta questão há um factor que tem grande importância, a nossa capacidade de investimento na promoção e divulgação do trabalho. Aqui continuamos muito longe de dispormos dos meios razoáveis e o próprio Estado nem sequer divulga os espectáculos que financia.

- Nos últimos cinco anos houve alguma alteração no fluxo de público?

A redução do financiamento à criação cultural e a redução dos rendimentos das famílias afetaram significativamente o natural afluxo de público à cultura.

- Existe diferença no fluxo de público quando são espetáculos do CENDREV e quando são acolhimentos?

Não saberemos ao certo, ainda que uma leitura mais aprofundada dos números nos pudesse dar alguma indicação. Acreditamos que uma boa dinâmica de público se complementa com alguma diversidade.

- Quais são os descontos que têm? Isso influenciou o fluxo de público?

Mantemos acordos com algumas instituições, nomeadamente sindicatos, a quem fazemos descontos a troco da divulgação dos espectáculos junto dos seus associados, descontos para jovens e reformados e temos também o PASSAPORTEATRO que permite um compromisso anual com a programação que organizamos no TGR. Estamos certos de que a existência de alguns descontos é um factor facilitador da ida do público ao teatro.

- Tinham um dia da semana com desconto especial para os estudantes? Se sim ainda têm?

Sim, mantemos as quintas-feiras com um preço reduzido para todo o público.

- Quais são as estratégias para terem mais público? Achem que é necessário mudá-las?

A principal estratégia para aumentar o público é manter a regularidade do trabalho. Trabalhamos também com jovens públicos porque a educação é um factor determinante para trazer mais público à actividade cultural.

- Sentem dificuldades na divulgação em termos nacionais?

Sim, verificamos muito facilmente como são discriminados os projectos culturais fora dos grandes centros urbanos, basta consultar diariamente os órgãos de comunicação social.

- Quais são as parcerias que têm?

Muitos, a Câmara Municipal de Évora, outras autarquias da região com quem mantemos relações regulares de trabalho, outras companhias nacionais e estrangeiras com quem fazemos anualmente intercâmbios de trabalho, companhias parceiras na criação de espectáculos e instituições locais, por exemplo Biblioteca Pública de Évora, com quem organizamos projectos regularmente.